



LIVRO 3

*A química com Caim é perfeita...
mas como resistir a Abel, que parece
muito mais interessado?*

SYLVIA DAY

MARCA DO

CAOS

 FARO
EDITORIAL



SYLVIA DAY

MARCA DO

CAOS



Tradução
CARLOS SZLAK

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © 2009, BY SYLVIA DAY

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2016

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **GABRIELA DE AVILA E LIGIA AZEVEDO**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa © **GERGELY ZSOLNAI | SHUTTERSTOCK,**

© **MR.BIG-PHOTOGRAPHY | ISTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Day, Sylvia

— Marca do caos / Sylvia Day ; tradução Carlos Szlak.
— Barueri, SP : Faro Editorial, 2016. — (Série marked)

Título original: Eve of chaos

ISBN 978-85-62409-81-3

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

16-07047

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



1ª edição brasileira: 2016

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Alameda Madeira, 162 – Sala 1702

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06454-010 – Tel.: +55 11 4196-6699

www.faroeditorial.com.br



COM OS DENTES CERRADOS, EVANGELINE HOLLIS VIU UM demônio Kappa, com um sorriso, servir um prato de *yakisoba* — macarrão frito com carne e verduras — para sua mãe. Eva supôs que a proporção entre mortais e demônios no Festival Obon anual do templo budista do condado de Orange fosse de meio a meio.

Após três meses convivendo com a Marca de Caim e seu novo “emprego” como caçadora a serviço dos Celestiais, Eva resignou-se à realidade dos Demoníacos misturando-se despercebidos entre os mortais. No entanto, ainda a surpreendia a quantidade de demônios japoneses que viera para tocar no festival. Parecia haver um número exagerado deles ali.

— Você quer? — Miyoko ofereceu o *yakisoba*. A mãe de Eva, que estava nos Estados Unidos havia mais de trinta anos, conhecia bem o estilo de vida americano. Ela era cidadã naturalizada, batista convertida, e seu marido, Darrel Hollis, era um bom sujeito do Alabama. No entanto, Miyoko prezava suas tradições e se esforçava para compartilhar a cultura japonesa com suas duas filhas.

— Quero *yaki dango* — Eva respondeu.

— Eu também. Está ali. — Miyoko saiu andando, mostrando o caminho.

O festival se realizava no estacionamento do templo. À direita, havia um grande ginásio de esportes. À esquerda, o templo e uma escola. A área era pequena, mas ainda assim conseguia conter diversas barracas de comidas e jogos. Um tambor *taiko* se achava elevado numa torre *yagura*, com vista para o espaço que mais tarde exibiria os bailarinos do Bon Odori. As crianças competiam para ganhar prêmios, que iam de peixes dourados vivos a bichos de pelúcia. Os adultos procuravam estandes de bugigangas e sobremesas caseiras.

O clima do sul da Califórnia estava perfeito, como sempre. Uma temperatura agradável de vinte e cinco graus centígrados, com muito sol e poucas nuvens. Ajustando os óculos escuros, Eva saboreou o beijo do sol em sua pele e o aroma de suas comidas favoritas.

Então, um fedor asqueroso, trazido pela brisa da tarde, atingiu suas narinas e arruinou seu raro momento de paz.

O cheiro fétido de alma em putrefação era inconfundível. Era uma mistura entre carne em decomposição e cocô fresco. Eva se espantou com o fato de os Não Marcados — os mortais desprovidos da Marca de Caim — não conseguirem sentir aquele odor. Ela virou a cabeça, procurando a origem do cheiro.

Seu olhar inquisitivo se deteve numa adorável asiática no corredor paralelo àquele em que estava. Uma Yuki-onna — demônio das neves japonês. Eva notou o quimono branco dos Demoníacos, incluindo uma delicada *sakura* bordada, e o detalhe em seu rosto, que se assemelhava a uma tatuagem tribal. Na realidade, o desenho correspondia à posição hierárquica da Yuki-onna e era invisível aos mortais. Assim como a Marca de Caim no braço de Eva, era similar à insígnia militar dos mortais. Todos os Demoníacos as tinham. As tatuagens revelavam tanto a espécie de amaldiçoados que eram como as posições que ocupavam na hierarquia do Inferno.

Ao contrário do que a maioria dos teólogos acreditava, a Marca da Besta não era algo a ser temido como o início do Apocalipse; era um sistema de castas que vigorava havia séculos.

A marca de Eva começou a latejar e, depois, a queimar. Um chamado às armas.

“E agora?”, ela perguntou para si mesma, exasperada. Eva era uma Marcada — uma entre os milhares de “pecadores” ao redor do mundo que foram recrutados para o serviço de exterminar demônios em nome de Deus. Ela devia matar num piscar de olhos, mas sua mãe estava a seu lado, num local de prática religiosa.

— *Sinto muito, meu bem* — Reed Abel comunicou-se telepaticamente. — *Você está no lugar errado, na hora certa. O número dela na fila é o próximo, e você é a que está mais à mão.*

— *Você não virou o disco a semana inteira* — Eva replicou. — *Nem acredito mais.*

Nos últimos dias, Eva eliminara um demônio por dia; às vezes, dois. Uma garota precisava mais do que só domingos de folga quando seu trabalho era matar demônios.

— *Por que sou sempre a mais próxima?*

— *Será porque você só atrai desgraça?*

— *E você é uma piada.*

Reed — vulgo Abel, de fama bíblica — era um *mal'akh*, um anjo. Ele era um treinador, ou seja, o responsável pela atribuição das caçadas a um pequeno grupo de Marcados. Seu trabalho era como uma missão de rastreamento. Os sete arcanjos terrestres atuavam como fiadores. Reed era um despachante. Eva, uma caçadora. Era um sistema bem azeitado para a maioria dos Marcados, mas afirmar que Eva era uma roda lubrificada seria um eufemismo..

— *Jantar hoje à noite?* — ele perguntou.

— *Depois daquela piadinha, seu canalha arrogante?*

— *Eu cozinho.*

Eva seguiu Miyoko, mantendo-se de olho em sua caça.

— *Se eu ainda estiver viva, tudo bem.*

No fundo de sua mente, Eva escutou e sentiu Alec Caim — irmão de Reed — resmungar sua desaprovação. Alec era seu mentor. Outrora conhecido como Caim da Infâmia, ele agora era conhecido como Caim, o Arcanjo. Eva e Alec tiveram uma história em comum, que começara dez anos antes, quando ela lhe entregou sua virgindade. Atualmente, a posição de Alec como arcanjo o despojara da capacidade de desenvolver

ligação emocional com quem quer que fosse, exceto Deus. Apesar disso, Alec era louco por Eva.

— *O que é mais importante, Eva?* — Caim indagou. — *Alguém querer você porque não é capaz de resistir, por causa dos hormônios ou de alguma reação química no cérebro? Ou porque a escolhe, porque toma a decisão consciente de querê-la?*

Eva não sabia. Por isso, andava à deriva, tentando descobrir.

Considerava-se maluca por se intrometer no caso mais antigo de rivalidade entre irmãos da história, principalmente porque os três compartilhavam um único vínculo, permitindo o fluxo livre de pensamento entre eles. Muitas vezes, Eva se perguntava por que brincava com fogo. A única resposta era que ela simplesmente não conseguia evitar.

— *O café da manhã de amanhã é comigo. Tenho prioridade* — Alec insistiu, ríspido.

— *Vai ter sanduíche com ovo?*

Ninguém os preparava como Alec. Uma fatia de pão de forma torrado, com um furo no meio capaz de conter um ovo frito, amanteigado e crocante, coberto com melaço e polvilhado com canela e açúcar. Delicioso.

— *O que você quisier, anjo.*

Era óbvio que Reed não estaria presente no café da manhã, uma vez que namorar dois homens ao mesmo tempo significava que todos os três passavam as noites sozinhos.

A Yuki-onna dispensou seu companheiro bonitão e se dirigiu ao ginásio de esportes, dando os passos minúsculos impostos pelo corte justo do quimono e pelos *geta*, os tamancos de madeira. Eva levava vantagem com seu traje. Sua calça capri de malha e a regata de algodão canelado não impediam seus movimentos. Seus coturnos eram funcionais. Ela estava pronta para a luta. Mas isso não significava que a quisesse.

— *Preciso lavar as mãos* — Eva disse à mãe, sabendo que, como enfermeira aposentada, Miyoko apreciava a higiene e o asseio pessoal.

— *Tenho álcool em gel na bolsa.*

Eva torceu o nariz.

— *Eca! Essa coisa deixa as mãos grudando.*

— *Você é muito exigente. Quantos *dangos* você quer?*

— *Três.*

Os *dangos*, bolinhos de farinha de arroz, grelhados em espetinhos de madeira e cobertos com melaço, eram um dos doces favoritos da infância de Eva, que tinha poucas oportunidades de saboreá-lo. E isso agravava seu descontentamento: se aquele demônio estragasse seu apetite, as consequências seriam bem desagradáveis. Sem brincadeira.

Eva entregou à mãe uma nota de vinte dólares e, em seguida, começou a perseguir sua presa.

Ela alcançou a Yuki-onna e entrou no ginásio de esportes, onde mesas de piquenique estavam montadas para acomodar os participantes. Dezenas de pessoas ocupavam o grande espaço, numa celebração calorosa: rindo, conversando em inglês e japonês, e comendo. Os mortais, em bem-aventurada ignorância, se misturavam aos Demoníacos, mas Eva notou cada um dos habitantes do Inferno. Por sua vez, eles sabiam quem ela era e a observavam com ódio temeroso. A marca em seu braço a denunciava, assim como seu cheiro. Para Eva, o odor deles era de coisa podre; para eles, Eva possuía um enjoativo aroma doce. O que era ridículo, pois nenhum Marcado era doce. Todos eram amargos.

Encostada na parede, Eva observou através das portas de vidro fosco a aproximação da Yuki-onna. De seu posto privilegiado, ela era capaz de ver os pés do demônio. Recuando devagar, Eva contornou a quina da parede, para se colocar fora do alcance da visão. Uma vitrine de vidro estava montada junto à parede, na altura do seu ombro, exibindo troféus e uma *katana* solitária em seu interior iluminado.

Eva deu uma olhada rápida ao redor — todos os presentes no ginásio estavam distraídos. Com velocidade e força sobre-humanas, ela rompeu a fechadura metálica com o polegar e o indicador e retirou a espada colocada na bainha. Segurou-a enfiada entre sua coxa e a parede, esperando que a arma fosse mais do que um adorno. Caso contrário, poderia sempre evocar a clássica espada flamejante. Mas Eva preferia que isso não acontecesse. Os prédios tinham o hábito desagradável de pegar fogo ao seu redor, e Eva tinha mais perícia com a espada do samurai, de um único gume e ligeiramente curvada, do que com o gládio, de dois gumes, mais curto e mais pesado.

Sua presa entrou no ginásio de esportes e pegou a direção oposta, dirigindo-se aos banheiros, exatamente como Eva supusera que faria. Trancar

a porta do banheiro feminino enquanto há comida e bebida em quantidades abundantes sempre é uma má ideia, mas Eva não tinha escolha. Sua mãe a esperava, e ela não podia se arriscar a perder seu alvo.

Seu dilema presente era um dos muitos motivos pelos quais os Marcados não deviam ter laços familiares. Em geral, os pecadores escolhidos eram lobos solitários, facilmente transferidos para países estrangeiros. Os parentes eram um empecilho. Eva era a única exceção à regra. Alec lutara para mantê-la perto da família porque sabia o quanto os pais eram importantes para ela. Ele também foi motivado pela culpa, pois a indiscrição dos dois, dez anos antes, foi o motivo pelo qual Eva fora marcada.

As engrenagens da justiça não giram mais rápido no Céu do que na Terra.

Depois que a porta do banheiro se fechou atrás da Yuki-onna, Eva se colocou diante dela e sentiu a marca pulsar quente e intensa na pele do braço, bombeando agressividade e fúria através do sangue. Os músculos tensionaram e o ritmo das passadas se alterou. A reação corporal era básica e animal; o surto de sede de sangue, brutal e viciante. Eva passara a ansiar por aquilo como uma droga. Muito tempo entre caçadas e ela ficava irascível e inquieta.

Apesar da agitação, os batimentos cardíacos e as mãos permaneceram firmes. Naquele momento, seu corpo era um templo e funcionava como uma máquina. Ao entrar no banheiro, Eva estava calma e focada. Quando passara a se sentir tão à vontade com sua vida secundária de assassina? Mais tarde teria de refletir sobre isso, quando tivesse alguma privacidade e tempo para chorar.

Todas as portas das cabines estavam ligeiramente entreabertas, exceto a cabine para deficientes, no extremo do banheiro. O fedor da alma decadente dominava o espaço. Fixado na parede perto da porta havia um cano sobre o qual se achava um cavalete de sinalização dobrável em que se lia “Piso Úmido”. Eva puxou o cavalete e o pôs do lado de fora do banheiro, no corredor. Em seguida, voltou a entrar no banheiro, fechou a porta e a trancou. O cavalete não era tão útil quanto um cone de “Fora de Serviço”, mas teria de servir.

Não houve jeito de impedir o súbito dilúvio de lembranças de outro banheiro, em que ela enfrentara um dragão e pagara com sua vida. Eva

fora ressuscitada por causa de um acerto que Alec fizera com alguém, em algum lugar. Eva não conhecia os detalhes, mas sabia que o custo devia ter sido alto. Se ela não estivesse já apaixonada por ele, a disposição de Alec para fazer esse tipo de sacrifício teria sido o suficiente. Ela ainda não estava pronta para morrer, apesar de assassinar demônios e ter uma vida amorosa um tanto maluca.

Algum dia Eva esperava casar e ter filhos, desfrutar de uma carreira de sucesso e passar férias com a família. No entanto, primeiro teria de se livrar da marca, manipulando alguém que estivesse no poder ou reunindo indulgências suficientes para livrá-la de sua penitência.

Claro, havia brechas no sistema de indulgências. Eva matara o filho adolescente do lobisomem Alfa do Grupo Diamante Negro, *duas vezes*, mas só recebera o crédito pela segunda morte. Coisas assim a irritavam. O que uma garota podia fazer quando nem Deus jogava limpo?

Uma lamúria deteve o avanço de Eva. O som tinha uma nota aguda, trêmula, que soava infantil. Ela se aprumou e esperou. Uma caçada envolvia mais posicionamento do que ataque. Eva parou no centro exato, no espaço mais aberto do recinto. A porta estava às suas costas. A Demoníaca ficou sem saída, a não ser através dela. Eva não se moveria só para facilitar as coisas.

A marca de Eva continuava a inundá-la de adrenalina e hostilidade. Seus sentidos se concentraram na presa, irrigando sua mente com informações. Sua postura se expandiu.

— Saia, saia, onde quer que você esteja... — Eva sussurrou.

A fechadura da cabine para deficientes girou e a porta se abriu. Um rosto de criança surgiu, pálido e com lágrimas correndo. Uma bela menina de origem asiática, num vestido leve de verão, com um desenho de melancia na bainha. Tinha seis ou sete anos, talvez. Um instante depois, vibrando com o feito, o belo rosto da Yuki-onna apareceu acima da cabeça da menina.

— Fazer uma refém foi uma má ideia. — Quando Eva tivesse filhos, ela não os deixaria fora do alcance de sua visão.

— Vou sair daqui com a menina — a Demoníaca disse com sua voz ritmada e acentuada. Ela saiu da cabine com a mão no ombro da menina. — Depois, vou soltá-la.

CONHEÇA TAMBÉM
O LIVRO:

MARCA DE

GUERRA

A CONCLUSÃO DA SÉRIE
DE SYLVIA DAY.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
SERMOGRAF EM OUTUBRO DE 2016